

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA (ORG.)  
FRANCISCO M. SALZANO  
NIÉDE GUIDON  
ANNA CURTENIUS ROOSEVELT  
GREG URBAN  
BERTA G. RIBEIRO  
LUCIA H. VAN VELTHEM  
BEATRIZ PERRONE-MOISÉS  
ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA  
ANTÔNIO PORRO  
FRANCE-MARIE RENARD-CASEVITZ  
ANNE CHRISTINE TAYLOR  
PHILIPPE ERIKSON  
ROBIN M. WRIGHT  
NÁDIA FARAGE  
PAULO SANTILLI  
MIGUEL A. MENÉNDEZ  
MARTA ROSA AMOROSO  
TERENCE TURNER  
BRUNA FRANCHETTO  
ARACY LOPES DA SILVA  
CARLOS FAUSTO  
MARY KARASCH  
MARIA HILDA B. PARAÍSO  
BEATRIZ G. DANTAS  
JOSÉ AUGUSTO L. SAMPAIO  
MARIA ROSÁRIO G. DE CARVALHO  
SILVIA M. SCHMUZIGER CARVALHO  
JOHN MANUEL MONTEIRO  
SONIA FERRARO DORTA

# HISTÓRIA DOS ÍNDIOS NO BRASIL

2ª edição

FAPESP  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

  
COMPANHIA DAS LETRAS

SMC  
SECRETARIA  
MUNICIPAL DE CULTURA  
INSTITUTO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

---

Copyright © 1992 by os Autores

Projeto editorial:  
*NÚCLEO DE HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO*

Capa e projeto gráfico:  
*Moema Cavalcanti*

Assistência editorial:  
*Marta Rosa Amoroso*

Edição de texto:  
*Otacílio Fernando Nunes Jr.*

Mapas:  
*Alicia Rolla*  
*Tuca Capelossi*

Mapa das etnias:  
*Clarice Cohn*  
*Edmundo Peggion*

Índices:  
*Beatriz Perrone-Moisés*  
*Clarice Cohn*  
*Edgar Theodoro da Cunha*  
*Edmundo Peggion*  
*Sandra Cristina da Silva*

Pesquisa iconográfica:  
*Manuela Carneiro da Cunha*  
*Marta Rosa Amoroso*  
*Oscar Calávia Saéz*  
*Beatriz Calderari de Miranda*

Revisão:  
*Carmen Simões da Costa*  
*Eliana Antonioli*

1ª edição 1992

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História dos índios no Brasil / organização Manuela Carneiro da Cunha. — São Paulo : Companhia das Letras : Secretaria Municipal de Cultura : FAPESP, 1992

Bibliografia.  
ISBN 85-7164-260-5

1. Índios da América do Sul — Brasil — História I.  
Cunha, Manuela Carneiro da.

92-1393

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:  
I. Brasil : Índios : História 980.41

1998

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 72  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (011) 866-0801  
Fax: (011) 866-0814  
e-mail: coletras@mtecnetsp.com.br

AL BR  
F2519  
.H57  
1998x

---

## UMA SINGULAR PLURALIDADE: A ETNO-HISTÓRIA PANO



*Philippe Erikson*

*Tradução: Beatriz Perrone-Moisés*

A história de que trata este capítulo não é nem a de um povo, nem a de uma região, mas a de uma família etnolinguística: a família Pano. Embora seu objetivo primordial seja repertoriar e examinar rapidamente as fontes etno-históricas relativas à área pano, o estado da arte que apresentamos em seguida pretende igualmente delinear os contornos principais desse macroconjunto oeste-amazônico, caracterizado por sua grande homogeneidade territorial, linguística e cultural. Esperamos, destacando os pontos mais importantes, justificar *a posteriori o partis* de apresentar os Pano em bloco, apesar de sua real diversidade interna.

Nosso objetivo será atingido se este capítulo deixar no leitor a impressão de que a etno-história amazônica deveria interessar-se pela lógica das relações interétnicas, mais do que pela mera reconstituição do contato entre um determinado grupo local e o mundo ocidental. No que diz respeito especificamente aos Pano, tal ponto assume uma importância ainda maior na medida em que sua uniformidade certamente resulta de uma evolução histórica conjunta tanto quanto de uma origem comum...

As fontes de que dispomos para conhecer esse conjunto cultural — batizado com o nome de um de seus componentes hoje extintos — estão certamente longe de ser homogêneas, tanto em qualidade quanto em quantidade. Se é possível, por exemplo, retracar em detalhe a evolução da indumentária conibo ao longo de vários séculos (Myers, s.d.), parece que, ao

contrário, o etno-historiador está condenado à ignorância quanto aos Yaminawa antes do final do século XIX (Townsend, 1983). E, no entanto, tudo leva a crer que os Yaminawa e os Conibo, para ficar nesse exemplo, tiveram destinos paralelos, cujo sentido pleno só emerge à luz de uma dinâmica pano global.

Por falta de espaço, a seção bibliográfica deste ensaio não pode pretender à exaustividade. Assinalamos, contudo, que está sendo elaborada uma bibliografia pano comentada, obra conjunta de Ph. Erikson, K. Kensinger, M. S. de Aguiar & B. Illius, que deve ser publicada em breve, sob os auspícios da Human Relations Area Files. Nesse meio tempo, pode-se consultar Chavarria Mendoza (1983), Frank (1987), Kensinger (1986) e Santos Granero (1988).

### PANORAMA PANO

Constituída por aproximadamente 30 mil falantes, a família etno-linguística Pano ocupa, na região fronteiriça entre Brasil e Peru, uma área quase ininterrupta que se estende praticamente do alto Solimões (5°S) até o alto Purus (10°S). Indo de oeste para leste, encontram-se Pano desde o Ucayali e seus afluentes da margem esquerda (75°W) até as cabeceiras das bacias do Javari, do Juruá e do Purus (70°W).

Fora dessa zona principal, o único enclave pano importante se situa na região limítrofe entre Rondônia e a Bolívia, do alto Madeira ao rio Beni, onde se encontram as populações Kaxarari, Karipuna, Chacobo e Pacaguara.



Embora numericamente muito minoritários, esses grupos sul-orientais ocupam certamente um território próximo daquele de que seria originário o resto de sua família lingüística, já que o território atualmente ocupado pelos Pano foi muito provavelmente povoado por sucessivas ondas de migração vindas da região do Guaporé, como veremos examinando a pré-história. Os grupos sul-orientais representariam, assim, um pequeno resíduo, atualmente separado da maior parte dos outros pano por um corredor de população arawak, mas ainda bem próximo de seu local de origem. O fato de estarem cercados por falantes de Tacana — família lingüística que apresenta semelhanças notáveis com o Pano — reforça essa hipótese meridional, que vai de encontro ao postulado defendido por muito tempo de uma origem setentrional dos Pano.

Outros raros bolsões pano, de dimensões minúsculas, podem ser encontrados aqui e acolá, resultantes de migrações mais ou menos forçadas que em geral datam da tristemente famosa era da borracha. Assim, encontra-se uma pequena comunidade mayoruna na região de Tefé (Faulhaber, 1987) e alguns grupos Pano — especialmente Shipibo — deportados na região do Madre de Diós, como certamente o foram também os Atsahuaca e os Yamiaca da bacia do Inambari, ainda que sejam tradicionalmente apresentados à parte, como Pano sul-ocidentais (Lyon, 1975). Alguns grupos (especialmente Yaminawa) também migraram por iniciativa própria na mesma época e para a mesma região, dentre os quais alguns chegaram até a Bolívia. Ironicamente, aproximaram-se, desse modo, de alguns Pano sul-orientais (especialmente Pacaguara) forçados por razões idênticas a migrar no sentido inverso, em direção ao norte (Zeleny, 1976).

No conjunto, quando se considera sua grande extensão territorial, a área pano chama portanto a atenção por sua homogeneidade étnica excepcional, reforçada por uma coesão lingüística e cultural igualmente notável. Pode-se, nesse contexto, indagar quanto à sua fragmentação interna, e espantar-se, por exemplo, diante do fato de Mason (1950), no volume do *Handbook of South American Indians* consagrado à lingüística ameríndia, ter listado nada menos do que 82 línguas pano diferentes, para não falar das inúmeras denominações de subgrupos que se poderiam repertoriar na li-

teratura. Como explicar tal multiplicação, tão contrastante com a situação dos Yanomami ou dos Jivaro, por exemplo, grupos de tamanho comparável entre os quais costuma-se reconhecer não mais do que uma meia dúzia de subgrupos dialetais?

Na verdade, uma parte dos grupos citados por Mason, ainda representados no início deste século, parece ter desaparecido completamente, entre os quais os Atsahuaca, os Nocoman, os Panobo, os Sensi e várias subdivisões remo ou mayoruna (Erikson, 1990). As perdas demográficas não são, contudo, a única causa da drástica diminuição do número dos grupos pano, atualmente reduzidos a uns trinta. Também deve ser levado em conta o conhecimento mais detalhado de que dispomos atualmente, que permite reagrupar sob um mesmo rótulo grupos antigamente apresentados como totalmente distintos.

Pode-se distinguir, de modo esquemático, segundo critérios essencialmente lingüísticos e empregando termos que não se deve jamais considerar como etnônimos, sete subconjuntos principais no seio do bloco pano. Do sul ao norte:

— Os *Pano meridionais* (Chacobo, Pacaguara, Karipuna, Kaxakari) estão, como se sabe, separados do tronco comum e são etnograficamente bem menos conhecidos do que os outros Pano (Nordenskiöld, 1924). Mais numerosos e mais diversificados no passado, a maior parte desses grupos se encontra atualmente muito reduzidos e, em certos aspectos, mais próximos de seus vizinhos Tupi ou Tacana que do resto de sua família lingüística. População:  $\pm 700$ .

— Os *Shipibo-Conibo-Shetebo*, que ocupam um território ribeirinho às margens do Ucayali, constituem o grupo mais famoso, mais numeroso e também mais atípico dos Pano, entre outras características, por possuir um sistema social que proíbe o casamento entre parentes até a sétima geração ascendente (Keiffenheim, 1990)! Apesar de um contato plurissecular com a sociedade peruana, conservaram vários traços tradicionais (entre os quais sua famosa cerâmica; Gebhart, 1984) e reinavam até pouco tempo atrás como senhores muitas vezes contestados da planície aluvial do Ucayali. Embora sua organização social, política e econômica difira consideravelmente da dos outros Pano (interfluviais), os

Shipibo-Conibo se lhes assemelham muito mais do que geralmente se diz. As especificidades induzidas pelo meio ecológico que ocupam não impedem de modo algum seu xamanismo (Illius, 1987) de parecer-se, por exemplo, com o dos Marubo (Montagner Melatti, 1985). Existem atualmente cinco dialetos Shipibo-Conibo, mutuamente inteligíveis (Levy, s.d.). População:  $\pm$  20 mil.

— Os *Yaminawa* (“gente do metal”), por muito tempo considerados como um único grupo étnico, representam na verdade, segundo Townsley (1988), um conjunto politicamente heteróclito embora culturalmente homogêneo, de que fazem parte — além das várias frações batizadas *Yaminawa* — os *Parquenawa* (recentemente contatados, também conhecidos como *Yora* ou *Nawa*), os *Sharanawa*, os *Marinawa*, os *Mastanawa* e vários outros “-nawa”, entre os quais alguns arredios. Townsley batizou o conjunto desses grupos “*Purus Panoans*”, a não confundir com a expressão “*Pano do Juruá-Purus*” freqüentemente empregada em relação aos *Kaxinawa*, *Amahuaca* e *Yaminawa* reunidos. População:  $\pm$  1700.

— Os *Amahuaca*, embora lingüisticamente bastante diferentes dos *Yaminawa*, mantêm com eles relações estreitas, quando não quase simbióticas. Antigamente, seu nome remetia indistintamente a vários outros grupos do

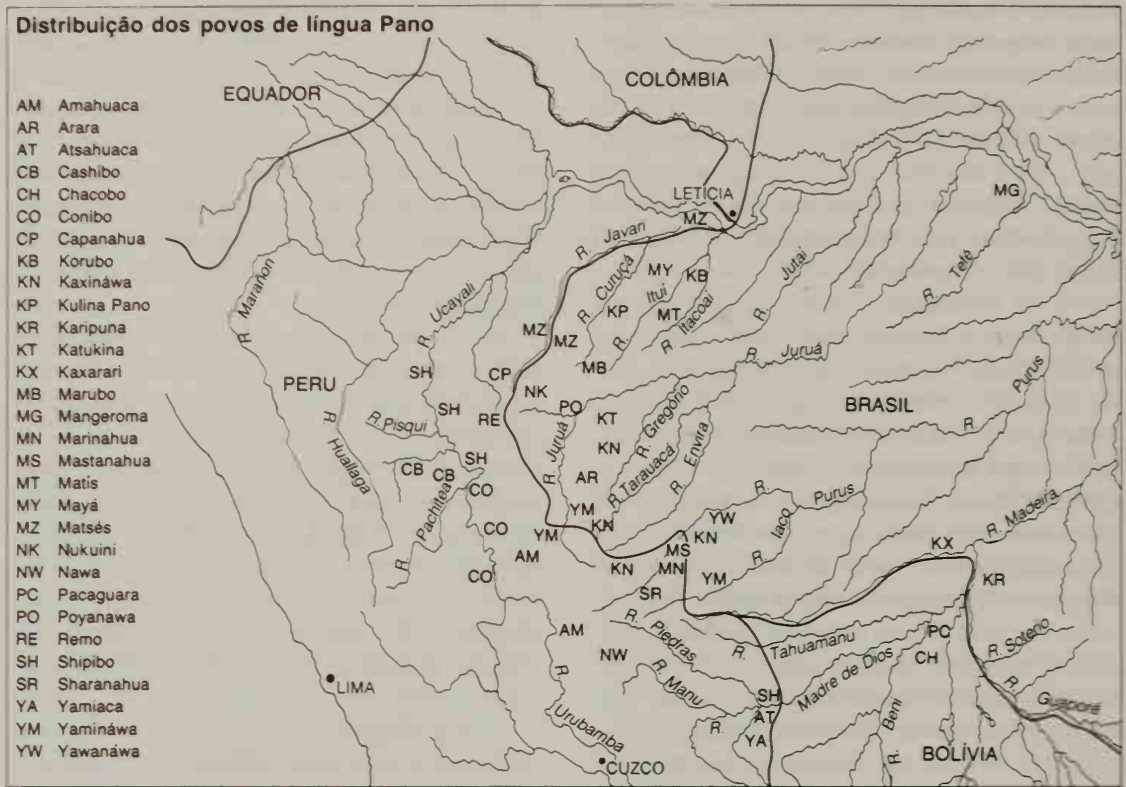
*Juruá-Purus*. Atualmente, o termo *amahuaca*, transcrição pano de uma designação de origem arawak (*Impetiniris*, “gente do cabiai”) refere-se unicamente a um conjunto composto por falantes de vários dialetos caracterizados por uma tonalidade muito marcada. Cada um desses subgrupos possui uma ou mais autodesignações terminadas em *-nawa* ou *-bo*, segundo o costume pano (Woodside, 1980:92). População:  $\pm$  mil.

— Os famosos *Kaxinawa* (no Peru, *Cashinawa*), mais do que os outros subconjuntos aqui definidos, apresentam as características correntes de uma “etnia”, em termos políticos, matrimoniais e territoriais. Muito mais bem conhecidos etnograficamente do que os outros Pano (Abreu, 1914; Kensinger, 1975), representam para muitos o paradigma de uma sociedade pano típica, e não sem razão. Assinalamos contudo a existência de pelo menos três dialetos distintos (McCallum, 1989). População:  $\pm$  2500.

— Os *Cashibo*, antes de sofrerem, no início deste século, uma influência shipibo maciça, estavam entre os grupos pano mais isolados devido à sua temida belicosidade. Seu hábitat e sua língua diferem mais do que a média dos outros Pano, com quem, contudo, sem dúvida se parecem, e com os quais o contato sempre foi mantido, no mínimo por inter-



Retrato de um Matis.



médio das mulheres raptadas. Dividem-se atualmente em várias entidades nomeadas (três ou talvez quatro segundo Frank, 1990), das quais a mais conhecida é o grupo chamado Catacaibo. População:  $\pm$  1200.

— Designaremos como *Pano medianos* o conglomerado formado na região do alto Tapiche e alto Ipixuna pelos Poyanawa, Capanahua, Katukina (Waninawa, Shanenawa), Yawanawa, Remo (atualmente reduzidos a uns cinquenta Iskonawa e algumas famílias Nukuini) e Marubo (Melatti, 1985-6). Embora cada um dos componentes desse conjunto intermediário entre os Pano do Juruá-Purus e os Mayoruna (discutidos abaixo) seja independente, subdivisível e apresente características específicas, este elo perdido (raramente evocado) da unidade pano reterá especialmente nossa atenção, pois permite dar conta de uma evidência por muito tempo ignorada: a semelhança entre os Mayoruna e os outros Pano. População:  $\pm$  1300.

— Os *Mayoruna* (termo de origem quíchua), finalmente, costumam aparecer como fração marginal de sua família etnolinguística, juntamente com os Cashibo, com quem compartilham a reputação de ferocidade. De Steward a Lathrap, são freqüentemente descritos,

não sem candura evolucionista, como uma espécie de relíquia proto-pano (ver Erikson, 1990). Por muito tempo confundido com um de seus componentes, os Matsés, este bloco compreende, na verdade, várias outras frações, como os Matis, os Korubo, os Kulina-Pano, os Maya e vários outros grupos, todos falantes de dialetos mutuamente inteligíveis. População:  $\pm$  mil.

#### ETNÓNIMOS

É importante notar que as sete categorias definidas acima não constituem, certamente, o que se convém chamar de "etnias". Trata-se, antes, de reagrupamentos efetuados por observadores estrangeiros, que sem dúvida correspondem a uma incontestável realidade empírica, mas são pouco compatíveis com a visão indígena tradicional do que se poderia chamar de "etnotaxionomia social". Os principais interessados não se reconhecem de modo algum na maior parte dos termos enumerados acima, ou só o fazem em situação de contato, curvando-se com condescendência ou por não terem escolha à perspectiva de seu interlocutor.

De modo geral, os Pano recusam a designação pela qual são conhecidos, por um lado



devido a seu caráter exógeno (costuma ser imposta por um grupo pano vizinho) e por outro devido ao seu caráter geralmente pejorativo. O morfema *kaxi*, atribuído tanto aos Kaxinawa quanto aos Cashibo, por exemplo, significa “vampiro”, ao passo que o nome dos Marubo deixa entender que seriam “carecas” (*maru*)... Alguns autores propõem, diante disso, designações alternativas, geralmente forjadas a partir de um vocábulo que significa “humano, parente”.

Manteremos, contudo, as designações tradicionais por três razões básicas. Em primeiro lugar por sua comodidade, já que só elas permitem ao leitor localizar-se nas obras aqui recenseadas. Além disso, as soluções de substituição levariam à confusão num trabalho comparativo, dada a semelhança lingüística entre as várias línguas pano: até os especialistas poderiam ter dificuldade em distinguir entre *huni*, *honi*, *oni*, *odi* e outros *uni* freqüentemente propostos como alternativa. Finalmente, porque embora as recusem para si mesmos, os Pano utilizam tais designações para seus vizinhos; porque seus etnólogos, “estrangeiros” que são, não deveriam fazer o mesmo?

A questão dos etnônimos, na área pano, é na verdade insolúvel, e tanto mais instrutiva justamente por isso. A razão disso é que a identificação se dá ou no nível mais imediato (grupo local, segmento de grupo local: *uni* no sentido de “parentes”) ou, ao contrário, no nível mais genérico possível: o da área pano (“todos os que têm tatuagens”; “todos os que têm um sistema social *kariera* como nós”: *uni* no sentido de “humanos”). É como se se tentasse anular as etapas intermediárias, de modo a deixar a porta aberta para alianças que transcendem o nível “étnico”, que tanto preocupa os observadores ocidentais (missionários, etnólogos, viajantes), frustrados em sua busca de denominações tribais claras e definidas...

O exame da pré-história e da história indígena dos Pano certamente fornecerá elementos explicativos para tais mecanismos de identificação étnica originais, que sem dúvida se desenvolveram no quadro de uma política marcada pelo confronto permanente com um exterior radicalmente estrangeiro. Mas antes de abordar esse tema, examinemos rapidamente as principais fontes etnológicas e lingüísticas indispensáveis para a compreensão dos Pano contemporâneos.

## FONTES

Para poupar ao mesmo tempo o espaço de que dispomos e a paciência dos leitores, os principais estudos da panologia moderna serão simplesmente apresentados sob a forma de quadros assinalando o nome dos pesquisadores, por ordem de antigüidade. Os que se interessarem por referências completas podem recorrer às bibliografias mencionadas na introdução ou à bibliografia pano anexada a Erikson, 1990.

Índia Shipibo  
de uma missão  
jesuíta. Expedição  
de Paul Marcoy  
(1848-60).



*Principais fontes lingüísticas*

- Amahuaca**  
Missionários:  
Kyde/Russel (dicionário, 154 p.), Sparing/Chavez (sintaxe)
- Capanawa**  
Missionários: Loos
- Cashibo**  
Universitários contemporâneos: Cortez-Mondragon  
Missionários: Shell (dicionário, 106 p.)
- Chacobo**  
Missionários: Prost; Zingg
- Katukina-Kaxarari**  
Universitários contemporâneos: Muller de Oliveira, Sueli & Monserrat
- Kaxinawa**  
Universitários contemporâneos: Camargo, D'Ans  
Missionários: Cromack, Montag (dicionário, 621 p.)
- Marubo**  
Universitários contemporâneos: Carvalho
- Mayoruna (Matsé)**  
Universitários contemporâneos: Costa  
Missionários: Fields, Kneeland (gramática didática)
- Poyanawa**  
Universitários contemporâneos: Bethania
- Shipibo-Conibo**  
Universitários contemporâneos: Gillen Aguilar, Illius, Tournon  
Missionários: Lorient, Faust (gramática didática)
- Tentativas de síntese:**  
Missionários: Shell (lexicologia pan-pano)

*Principais fontes etnológicas*

- Amahuaca**  
Universitários contemporâneos: Carneiro, Dole, Woodside, Zarzar  
Missionários: Russel
- Cashibo**  
Universitários antigos: Montalvo, Trujillo-Ferrari  
Universitários contemporâneos: Frank  
Missionários: Wistrand
- Chacobo**  
Universitários antigos: Nordenskiöld  
Universitários contemporâneos: Kelm, Balzano, Boom  
Missionários: Prost
- Iskobekebu-Remo**  
Universitários antigos: Momsen  
Universitários contemporâneos: Braun
- Katukina-Kaxarari**  
Universitários antigos: Mason, Tastevin
- Kaxinawa**  
Universitários antigos: Abreu, Carvalho/Sobrinho, Schultz  
Universitários contemporâneos: Kensinger, Aquino, Deshayes/Keilnheim, McCallum, Lagrou  
Missionários: Cromack
- Marubo**  
Universitários contemporâneos: Melatti, Montagner Melatti
- Mayoruna (Matis, Matsé)**  
Universitários contemporâneos: Romanoff, Calixto Mendez, Erikson  
Missionários: Fields, Kneeland
- Shipibo-Conibo**  
Universitários antigos: Tessmann, Karsten, Harner, Waisbard  
Universitários contemporâneos: Morin, Ablove, Roe, Behrens, Gebhart-Sayer, Illius  
Trabalhos em curso: Bertrand-Rousseau, Levy, Foller, Basurto, Garcia Rivera  
Missionários: Lorient, Eakin et alii.
- Yaminawa (Sharanawa etc.)**  
Universitários contemporâneos: Siskind, Goussard, Townsley, Verswijver, Reynoso
- Tentativas de síntese:**  
Universitários antigos: Farabee, Tessmann  
Universitários contemporâneos: Signorini



## PRÉ-HISTÓRIA

A região do alto Amazonas, especialmente o Ucayali, constitui uma das raras zonas das terras baixas sul-americanas para as quais dispomos de uma abundante documentação arqueológica. Devemos o essencial dessa documentação aos trabalhos pioneiros de Donald W. Lathrap (1970), que ficará na história da arqueologia sul-ameríndia como o inspirador, e muitas vezes o artífice, da maior parte das investigações arqueológicas realizadas na Amazônia peruana na segunda metade de nosso século.

Lathrap, a quem logo vieram juntar-se alguns estudantes e colaboradores (Roe, 1982; Myers, 1988), estimulou uma corrente de pesquisa graças à qual pode-se atualmente ter uma idéia bem precisa da pré-história dos Pano. Por razões tanto teóricas como práticas, quase não se fizeram pesquisas nas zonas de interflúvio, o que sem dúvida influiu na nossa visão de conjunto. Em compensação, os grupos que ocuparam as planícies aluviais do Ucayali estão suficientemente bem documentados para que se possa segui-los desde a sua chegada ao Ucayali.

Pode-se razoavelmente postular que os antigos Pano migraram em massa em direção ao Ucayali por volta de 100-300 A.D., aparentemente provenientes do norte da Amazônia boliviana (região do Beni e do Guaporé). Produziam a cerâmica do estilo chamado "pacacocha", ornamentada com motivos zoomorfos e caracterizada pela simplicidade de suas formas. De resto, "viviam em malocas. Enterravam seus mortos em urnas dentro da casa em que os sobreviventes continuavam vivendo. Foram encontrados fusos indicadores de uma indústria têxtil, e [prováveis indícios] de preparo de yuca amarga. Uma análise dos ossos indica que o milho era a base de sua dieta (Myers, 1988:60)".

Os enterros eram do tipo secundário, e a prática da deformação do crânio, característica dos Pano ribeirinhos da época histórica, ainda não era aparentemente praticada. (Esse costume, de origem andina, deve ter sido introduzido mais tarde no Ucayali por invasores tupi; vide abaixo.)

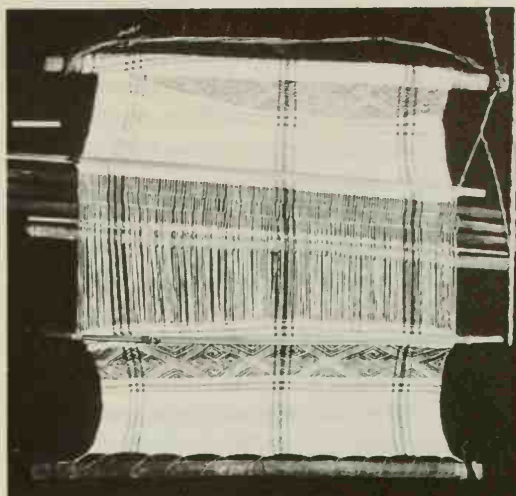
Os trabalhos de Weber (1975) e Braun (s.d.) indicam que os povos da tradição Pacacocha, pouco orientados em direção aos rios,

deslocavam-se essencialmente por via terrestre. A aclimação dessa gente do interflúvio ao meio ribeirinho efetuou-se, contudo, rapidamente, a ponto de logo dominarem todo o Ucayali, sobrepujando completamente os ocupantes precedentes, que deixaram de produzir a cerâmica mais sofisticada (do estilo chamado Yarinacocha) graças à qual ficaram conhecidos.

Embora os dados arqueológicos sejam extremamente escassos nas regiões de terra firme ocupadas pelos Pano, pode-se imaginar que alguns desses imigrantes recentes não se tenham estabelecido às margens do Ucayali. Esse poderia ser o caso especialmente dos proto-Cashibo, de um lado, e dos antepassados dos grupos setentrionais (chamados Mayoruna) cujo território tradicional se estende de leste a oeste, do Tapiche ao Jandiatuba, e não de sul a norte, seguindo o eixo do Ucayali. (Diga-se de passagem que essas duas línguas diferem mais do que a média das outras línguas pano.)

Lathrap et alii. (1985:61 ss.) supõem que as ondas de migração pano deveram-se à expansão concomitante dos Arawak Maipurán da região de Mojos. Atribuem, aliás, o sucesso dos recém-chegados a sua capacidade de ocupar o interior (graças ao milho e à agricultura itinerante), o que lhes fornecia uma vantagem tática sobre seus adversários, paradoxalmente mais vulneráveis porque limitados à agricultura intensiva na várzea, e portanto menos móveis. De qualquer modo, a ocupação pano parece ter se efetuado rapidamente e ter inclusive prosseguido em ondas sucessivas ao longo dos séculos seguintes, tendo os últimos trazido inovações técnicas que revelam influências dos Guarani (do Guaporé).

Os Pano parecem, portanto, ter reinado absolutos sobre o Ucayali e seus principais afluentes até por volta de 700-800 d.C. Dois acontecimentos importantes ocorreram então. O primeiro foi a intrusão dos Arawak, cortando a família lingüística Pano em dois, um pouco abaixo do Pachitea (Myers, comunicação pessoal), episódio de que não se sabe muito até o momento. Além disso, um pouco mais tarde, ocorre o aparecimento espetacular da cerâmica do tipo chamado Cumancaya. (Os estudos glotocronológicos de D'Ans (1973) insinuam, aliás, que foi por essa época que a família Pano perdeu sua antiga homogeneidade



Tear de cintura com instrumental de canas e madeiras diversas, sendo a alça de embira. Índios Kaxinawa.

lingüística, começando a ocorrer divergências entre as línguas do interflúvio e as do Ucayali, e entre estas últimas.)

O centro principal da inovação estilística se encontra em Cumancayacocha, epônimo do estilo, no médio Ucayali. A importância do sítio estimula a imaginação, já que estima-se que possa ter sido ocupado simultaneamente por vários milhares de habitantes, graças à pesca excepcionalmente abundante e ricas terras aluviais para plantar milho.<sup>1</sup> Além da cerâmica muito sofisticada mesclada com peças de estilo pacacocha, encontram-se em Cumancaya machados de cobre, traço incontestável de uma conexão andina. A semelhança entre as novas cerâmicas e a de Sangay (Equador) permitiu inclusive avançar teorias extremamente específicas quanto à origem de Cumancaya e suas relações com as civilizações das terras altas.

De fato, as mitologias pano (especialmente as dos Kaxinawa, Cashibo e Conibo) freqüentemente aludem a heróis culturais chamados "Inka", e vários mitos shipibo evocam explicitamente "a época em que vivíamos em Cumancaya sob o domínio do Inka". Munidos dessa observação e de uma documentação tão abundante quanto habilmente manipulada, Lathrap et alii. (1985, 1987) construíram um modelo segundo o qual invasores equatorianos teriam instaurado em Cumancaya uma chefia pluriétnica hierarquizada em benefício de uma classe dominante de língua Quêchua, que dominava os Pano, caracterizados por sua cerâmica "pacacocha" comum.

A teoria gerou uma calorosa polêmica (DeBoer e Raymond, 1987), fascinante não ape-

nas para os amantes da arqueologia mas também para todos os que se interessam pela simbólica dos motivos ucayalinos (Gow, 1988) e pelo problema teórico da interpretação histórica dos discursos míticos (Roe, 1988). (Note-se, a esse respeito, não sem espanto, que um mesmo pesquisador pode ora flertar com o determinismo ecológico, ora postular a absoluta fidelidade historiográfica dos mitos...)

Se é impossível resumir em poucas palavras uma discussão de tamanho alcance, pode-se ao menos indicar que gira em torno de uma questão essencial: em que época (pré ou pós-hispânica) surgiu a noção de “Inka” na área pano.<sup>3</sup> Alguns especialistas, tais como o dr. K-P. Kastmer (comunicação pessoal), inclinam-se por uma origem proto-tupi do novo estilo, ao passo que outros continuam defendendo o antigo modelo segundo o qual tratar-se-ia de uma evolução própria dos Pano (Raymond, DeBoer e Roe, 1975, defendidos por DeBoer e Raymond, 1987). Pessoalmente, embora ache extremamente sedutora a hipótese andina, creio que teria mais peso se se apoiasse menos numa interpretação literal dos mitos shipibo-conibo. No século passado, Colini (1884:531) demonstrava muito mais prudência, e talvez humor, ao informar que “a maior parte das tribos do Ucayali conserva, ou pelo menos pretende conservar, alguma tradição em torno de sua proveniência. Todas se vangloriam de terem sido dominadas pelos Incas. Os Conibo afirmam que são os antigos habitantes dos arredores de Cuzco, os Shipivos, segundo dizem, teriam vindo de Guanuco e os Piros da região vizinha a Lima”.

O debate ainda está, portanto, aberto. É preciso, entretanto, precisar que a hipótese de uma efêmera chefia indígena implantada no médio Ucayali está longe de ser a única explicação possível para a inegável influência andina perceptível nas culturas pano, desde o sistema ritual — sacrifícios de animais, valorização do derramamento ritual de sangue, divinização do sol — até a cultura material — técnicas de tecelagem, música, sistema de medidas —, passando por numerosos empréstimos lingüísticos. Afinal, o próprio Lathrap sempre defendeu a idéia de uma estreita conexão entre os Andes e o Ucayali, que supõe inclusive anterior à chegada dos Pano!

Sabe-se que um dos últimos soberanos inka provavelmente refugiou-se no Ucayali, com

um exército de 20 mil homens (Velasco, 1941). Além disso, foram encontradas construções de pedra no Ucayali, “testemunhos de um contato e de um controle que se estendia dos altiplanos até a floresta pluvial” (Schjellerup, 1989:244). Um texto do século XVI, recentemente descoberto (Renard-Casevitz et alii, 1986:99), chegaria até a sugerir que certos grupos kaxinawa teriam vivido nos Andes, perto de Opatari, antes de se revoltarem e retornarem à sua floresta natal, onde os missionários do Summer Institute of Linguistics afirmam ter descoberto “huacas” incontestavelmente andinos (Montag, 1973:4). Mais tarde, no século XVIII, veremos a imensa influência no Ucayali do famoso “messias inca” Santos Atahualpa. Lembremos, finalmente, que o Quêchua foi a língua utilizada pelas missões na região, e também mais tarde pelos numerosos colonos que vieram explorar as Hévea e os indígenas...

As ocasiões de contato direto entre Pano e “Inka” foram, portanto, muitas, sem falar dos contatos intermediados. Ao mesmo tempo em que torna ainda mais plausível a interpretação de Cumancaya avançada por Lathrap et alii, isso diminui seu valor explicativo.

Seja como for, que se tenha ou não falado Quêchua ali, Cumancaya entra em decadência por volta do ano 1000, época que aliás corresponde ao fim do império Huarí (e, portanto, a um período de descentralização da história andina). Os Pano reassumem, assim, o controle exclusivo do Ucayali, e certamente de seus principais afluentes, já que DeBoer (s.d.) menciona ter descoberto “cerâmica com finas incisões e apliques entalhados nos sítios Contamanilla e Piyuya do Callaria, longe do Ucayali [em território Remo]”, sítios datados entre 1160 e 1525 d.C. e cuja densidade populacional parece ter sido bem superior à da época histórica...

Esse período de hegemonia durou apenas até aproximadamente 1300, ou seja, até a chegada maciça e violenta de milhares de Tupi portadores da tradição Miracangüera: os antepassados dos Cambeba, conhecidos no Peru com o nome de Cocama/Cocamilla (cerâmica de estilo Caimito). Diante de um tal avanço — certamente ligado a uma pressão ainda mais forte dos Tapajós do médio Amazonas — os Pano se viram obrigados a ceder mais da metade do Ucayali, aproximadamente até a foz



do Pachitea (um sítio imenso foi localizado no Tamaya.)

Os antepassados dos grupos capanawa, kaxinawa, shetebo e shipibo viram-se, assim, forçados a trocar o Ucayali por seus afluentes, como o Pisqui e o Aguaitia. Estas duas últimas etnias só recuperariam um hábitat ribeirinho na época histórica, quando as epidemias importadas praticamente extinguíram a população Cambeba, deixando seu antigo território vago. As outras iriam manter-se nos interflúvios, e algumas delas viriam assim a aproximar-se dos blocos sul-orientais e setentrionais que, supõe-se, nunca ocuparam o Ucayali.

Ao que parece, os contatos entre os Pano e os Tupi foram essencialmente belicosos e os dois grupos não pararam de se guerrear até a chegada dos brancos e as alianças intertribais que esse fato originou (no interior das mis-

sões ou, ao contrário, para se opor a elas em bloco). Note-se, contudo, que os Cambeba exerceram uma influência considerável sobre os Pano ribeirinhos, influência certamente muito antiga, pois é possível atribuir-lhes a origem de elementos culturais tão cruciais quanto a deformação dos crânios dos recém-nascidos e, principalmente, os rituais de puberdade feminina, eixo essencial da vida cerimonial do Ucayali.

De um certo modo, poder-se-ia até postular a existência de uma cultura comum piroconibo-cambeba, distinta da dos interfluviais (Zarzar e Roman, 1983). Mas seria igualmente possível defender o contrário, tanto a consciência de pertencer a um conjunto "pano" (e não somente a um determinado subgrupo) parece forte nessa família lingüística. Como explicar então essas filiações incompatíveis?



Retratos de homens Matis: Kwini e Tumi.



Retratos de mulheres Matis: Shono e Dani.

A título de hipótese, talvez se pudesse sugerir que embora se mantivesse em larga medida, o antigo ideal de homogeneidade teria recuado diante da intrusão dos brancos, cuja chegada certamente provocou como reação uma mobilização geral (e portanto uma aproximação) do conjunto dos grupos do Ucayali, fossem Arawak, Pano ou Tupi. A instauração de uma cultura ribeirinha oposta a uma cultura interfluvial poderia, portanto, decorrer tanto de fatores políticos como econômicos.

Em outras palavras, talvez tenha sido mais enquanto via de penetração dos brancos do que enquanto meio ecológico específico que o Ucayali engendrou um certo tipo de sociedade claramente distinto das dos interflúvios. Esta é pelo menos uma das leituras possíveis da etno-história pano à qual passaremos em seguida.

#### ETNO-HISTÓRIA

Os primeiros encontros entre europeus e Pano ocorreram muito provavelmente no Ucayali na segunda metade do século XVI, em 1557, quando uma expedição liderada por Juan Salinas de Loyola (1897) subiu o rio pela primeira vez. Myers (1974) identificou de modo bastante convincente a Nação dos Pariaches, encontrada naquele momento pelos Conquistadores, como os antepassados dos atuais Conibo.

Além da dos Pariaches, Salinas atravessou mais duas províncias, situadas uma a jusante e outra a montante da sua. A primeira era certamente constituída pelos antepassados dos Cocama (tupi) e a segunda pelos dos Piro (arawak). Embora seus habitantes sejam descritos como tendo a mesma aparência física e roupas semelhantes, esses territórios estavam separados uns dos outros por trechos de “no man’s land”, signo indiscutível de hostilidade entre as três “nações” do San Miguel, depois rebatizado Paru (nome pano) e finalmente Ucayali.

Salinas não economiza elogios nem sobre as aldeias que atravessa, às vezes formadas por várias centenas de casas, nem sobre os habitantes, enfeitados com metais preciosos. Ainda que certamente decepcionado por não ter ainda encontrado o El Dorado prometido, maravilha-se ao encontrar “naturais muito polidos e galantes em suas roupas de algodão e plumagens e jóias de ouro, cujas aldeias ficam

nas barrancas dos rios, e em seu governo são mais ordenados do que os índios das outras províncias acima descritas, porque são mais obedientes e respeitam mais seus caciques (1965, CCXLVIII:231)”.

Se os índios impressionaram tanto nosso cronista, a surpresa sem dúvida foi recíproca. Os Pariaches não estavam certamente preparados para a intrusão dos expedicionários, e principalmente não estavam preparados para as “pestes” que devem ter inevitavelmente seguido.<sup>3</sup>

Não devemos contudo exagerar a importância do choque intelectual que esse primeiro contato deve ter representado. Afinal de contas, bens ocidentais, signos precursores da intrusão espanhola, podem muito bem ter chegado ao Ucayali muito antes de Salinas, por intermédio de comerciantes piro. Além disso, a chegada dos espanhóis não constituía de modo algum a primeira incursão em território pano de emissários vindos de mundos radicalmente estrangeiros. Signos externos de riqueza, as jóias dos habitantes do Ucayali já não eram igualmente signos de inserção em vastas redes comerciais que se estendiam até os Andes, de onde vinha o metal? (Cf. artigos de Roe, de DeBoer e de Myers in Francis et alii, 1981.)

Jamais saberemos se Salinas e seus companheiros foram tomados por “Inka” pelos ribeirinhos cujo território atravessaram. De qualquer modo, isso ocorreu com muitos brancos que os sucederam na região pano, como se tivessem chegado apenas para ocupar o lugar dos andinos, trazendo lâminas de aço no lugar de machados de bronze...

A expedição de Salinas foi seguida por algumas outras que também tiveram a ocasião de encontrar os Pano. Assim, embora a historiografia espanhola tenha retido da viagem de Pedro de Ursua em 1560 principalmente o fim trágico e a revolta de Aguirre, não deixou de atribuir a esses Conquistadores o privilégio de terem sido — bem no início de sua fuga — os primeiros a encontrar Mayoruna. (É, aliás, a esse primeiro contato, que teria ocorrido no Huallagua, que a lenda atribui, com pouca verossimilhança, a origem da famosa pilosidade dos Pano mais tarde conhecidos como “Barbudos”).

Isso posto, as expedições apenas passavam, e de modo geral se considera que esses pri-



meiros contatos esporádicos do século XVI tiveram uma influência basicamente indireta sobre os povos Pano. Sua importância não deve, contudo, ser subestimada: ninguém há de negar que a face do mundo indígena foi modificada pela introdução de novas ferramentas, novas espécies, novas plantas de cultivo e, principalmente, novos microorganismos. A economia pano, por exemplo, foi certamente transformada não somente pelos machados de aço, como também pela banana-da-terra (que logo se tornou um dos elementos básicos da dieta pano) e pelos cães, preciosos auxiliares na caça. Além disso, as perdas populacionais resultantes das epidemias e a existência de novos circuitos de troca devem ter causado rearranjos profundos no tabuleiro político...

Passou-se quase um século entre a visita de Salinas e as primeiras entradas missionárias no Ucayali e seus afluentes. A primeira onda missionária abateu-se sobre o Ucayali apenas na segunda metade do século XVII, já que os franciscanos — ativos desde 1631 no Huallagua — só fundaram sua primeira missão “pano” entre 1644 e 1657; 1644 se admitirmos, com Myers (1990), que os “Payansos” então reduzidos eram realmente Shipibo do Aguaitia; 1657, se esperarmos o sucesso do padre Caballero junto aos Shetebo e Callisecas (certamente Shipibo do Pisqui).

O sucesso inicial dos franciscanos teve curta duração, já que uma série de revoltas e de expedições de retaliação espanholas começou então a ocorrer. Em 1661, revolta dos Callisecas; em 1665, dos Shipibo e dos Cocama; em 1667, dos Shipibo, Shetebo, Cocama e Maparina juntos. Apesar de sua envergadura visivelmente crescente, o primeiro movimento de insurreição acaba, entretanto, em 1670 com resultado favorável para os espanhóis, com uma expedição punitiva de que resultou a transferência dos Shetebo ao Huallagua, para a missão jesuítica de La Laguna.<sup>4</sup>

Em 1682, os jesuítas entram em cena no Ucayali e estabelecem o primeiro contato com os Conibo, enquanto perseguiram um grupo de Shipibo fugidos de La Laguna. Em 1685, o padre Richter consegue fundar uma missão. Mas enquanto ele se ausenta, para ir a La Laguna se reabastecer de ferramentas de metal indispensáveis para a propagação da fé (uma viagem de vários meses), uma expedição franciscana visita sua missão e pretende assumi-la.



Índio Conibo.  
Expedição de Paul  
Marcoy (1848-60).

Inicia-se uma polêmica bastante virulenta entre as duas ordens, que se explica, entre outras coisas, pelo fato de o quinhão das missões ser estabelecido a partir do índice de infieis convertidos...

O poder central decide finalmente em favor dos jesuítas. Mas eles não teriam tempo para saborear seu triunfo: uma série de revoltas que começa em 1689 acaba expulsando totalmente os missionários do Ucayali antes do final do século. O ano de 1698 marca um dos grandes momentos da sedição, em que os Conibo vencem os 46 espanhóis e trezentos Shipibo que tinham vindo para vingar o padre Richter, morto três anos antes. Após essa derrota, foi a vez de os Shipibo se levantarem, arruinando definitivamente as esperanças dos missionários, tanto jesuítas quanto franciscanos.

Se é fácil compreender por que os habitantes do Ucayali acabaram resistindo à rígida disciplina e principalmente ao serviço militar obrigatório que quiseram lhes impor (especialmente para guerrear contra os Jivaro), pode-se, por outro lado, perguntar o porquê da aparente facilidade com que as missões conseguiram se implantar na região. A inegável atração dos bens veiculados pelos espanhóis certamente tem seu peso, mas pode-se igualmente evocar, seguindo nesse ponto Roman (1983:99), a necessidade sentida pelos Conibo de encontrar aliados para quebrar o mono-



pólio piro sobre as vias de acesso aos locais de troca com as terras altas. A hipótese parece ainda mais verossímil na medida em que, segundo Myers (1990:15), os Conibo estariam certamente muito enfraquecidos demograficamente nesse período e, portanto, muito necessitados no mercado das alianças. Os religiosos conseguiram aproveitar plenamente essas predisposições favoráveis. Conseguiram se instalar, mas não se manter.

Durante o século XVII, a atividade missionária, apesar de basicamente concentrada nos grandes rios, estendeu-se também aos Pano interfluviais, como os Capanawa, os Mochovo, os Comavo e os Remo. Esforços especialmente grandes serão despendidos para controlar os Mayoruna, essenciais dada a sua numerosa população e sua localização estratégica, um pouco recuada em relação às margens direitas do Solimões e do baixo Ucayali. Foi, portanto, com um certo alívio que os jesuítas fundaram, em 1654, San Ignacio de los Barbudos, destinada a sedentarizar no Huallagua os ferozes ("awca") Mayoruna que ali se aventuravam para trocar — em condições às vezes beirando a guerra declarada: "papagaios, redes toscas e grossas de algodão silvestre, penas de várias cores e outras bagatelas por facas e outras ferramentas" (Figuerola, 1986:213).

As primeiras descrições dos Barbudos são relativamente precisas e, numa certa medida, mais fiéis do que aquelas feitas por viajantes posteriores.<sup>5</sup> A perspicácia lingüística dos missionários é especialmente notável, já que perceberam quase que imediatamente as semelhanças entre as línguas Chipeo (Shipibo), Cheteo (Shetebo), Capanagua (Capanawa) e Barbudo (Mayoruna), evidência esta que será em seguida geralmente ocultada. Isso posto, essas informações são obtidas com a ajuda de uma ínfima fração dos Mayoruna, já que a imensa maioria escapava totalmente ao controle das missões ou só as visitava intermitentemente.

O século XVIII apresenta um perfil muito semelhante, em vários aspectos, ao precedente. As tentativas missionárias se multiplicam, como comprova a volumosa compilação feita por Izaguirre (1922-9), fonte essencial da etnohistória pano.<sup>6</sup> Apesar de um grande número de entradas (freqüentemente bem armadas), seu insucesso e sua impotência em recuperar o controle da situação será flagrante. No Uca-

yali, o martirólogo se alonga, basicamente em vão. Noutras regiões, as incursões de bandeirantes portugueses reduzem praticamente a zero os poucos sucessos obtidos junto aos Mayoruna, já que os neófitos que escapam à deportação para o Pará fogem imediatamente para a floresta.

Em 1739, com o convite do chefe conibo Siabar, a esperança renasce sem dúvida no campo franciscano. Mas não por muito tempo: em 1742, o levante fomentado por Juan Santos Atahualpa dá o golpe de misericórdia nas missões, já bem mal das pernas (sobre esse episódio, que afetou sobretudo o Urubamba e o Alto Ucayali, ver Zarzar, 1989). A presença dos brancos, antes esporádica, tornou-se nula.

Uma nova tentativa franciscana, a partir de 1757, teve um embrião de sucesso graças à atuação de crianças capturadas para servir de intérpretes. Mas, seguindo um enredo então bem estabelecido, uma nova revolta Shetebo interrompeu-a drasticamente já em 1767. A expulsão dos jesuítas, ocorrida pouco depois, em 1768, acabou de arruinar a obra missionária na área pano, calando os sinos das missões de Maynas. Apesar da teórica retomada pelos carmelitas e dominicanos, as últimas missões pano ainda ativas no século XVIII começaram então a entrar em declínio, quando não foram pura e simplesmente abandonadas. Alguns índios permaneceram nelas apesar de tudo (e alguns de seus descendentes lá se encontram ainda), mas a maioria voltou para a floresta...

Uma outra consequência da expulsão dos jesuítas, mais proveitosa para o etnohistoriador do que para os indígenas, foi a proliferação de escritos relativos à história das missões de Maynas. Citaremos, entre os mais importantes, os nomes de Chantre y Herrera, Veigl, Velasco... (para maiores detalhes, ver Golob, 1982).

Finalmente, será preciso esperar pelo século XIX para ver se impor no Ucayali, se não a influência, pelo menos a presença permanente dos brancos. Inicialmente, por intermédio de Sarayacu, sede principal das missões franciscanas, fundada em 1790. Em seguida (*grosso modo* na segunda metade do século) por intermédio dos colonos e comerciantes, cuja presença — suficiente, desde 1862, para incitar os missionários a trocar Sarayacu por um local mais afastado — só fez aumentar, para culminar com o *boom* da borracha.

As fontes de que dispomos para o século XIX incluem relatos de viajantes leigos, narrando em geral sua expedição dos Andes ao Pará. A lista é longa, e pode ser encontrada na introdução — preparada por J.-P. Chaumeil — da reedição de um dos mais interessantes desses relatos, o de Marcoy (1869). O italiano Colini (1884) também fornece informações preciosas, colhidas junto a seu compatriota Luciola, que viveu durante mais de trinta anos em Sarayacu e entre os Conibo, casando-se com uma mulher Conibo e adotando voluntariamente seus costumes.

Luciola informa, entre outras coisas, que as epidemias (e o alcoolismo) continuavam grassando com força nas missões do século XIX. Em trinta anos de permanência no Ucayali, constatou a diminuição de um terço da população das missões. Mas a mortalidade decorrente do *boom* da borracha seria ainda pior.

Devido à limitação de espaço, e porque a maior parte dos panólogos contemporâneos trataram do assunto em relação à etnia pela qual se interessaram, não entraremos em detalhes da história do século XX. Insistiremos apenas numa de suas conseqüências raramente evocadas e que se pode chamar de concentração sincrética dos sobreviventes.

Boa parte das “etnias” pano contemporâneas parece resultar de fusões. No Brasil, os Marubo, por exemplo, se autodefinem como um aglomerado recente. No Peru, a maioria (senão a totalidade) das diversas frações maioruna ainda independentes no início do século constitui uma única fração atualmente, chamada “matsé” (também presente no Brasil). Considere-se, ainda, a famosa simbiose Amahuaca-Yaminawa, ou o proselitismo étnico de Bolívar Odicio, que tentou inculcar nos Cashibo os valores essenciais shipibo (e em larga medida conseguiu, pelo menos por algum tempo; ver Wraughton Gray, 1953). Delineia-se claramente uma tendência à simplificação, que também se reflete na abolição da distinção terminológica entre os Shipibo e os Conibo, visível no emprego, atualmente sistemático, do etnônimo “Shipibo-Conibo” (às vezes Shipibo-Conibo-Shetebo) para se referir ao conjunto dos Pano do Ucayali.

## CONCLUSÃO

Uma das características mais originais e mais marcantes da etno-história pano é certa-



Criança Matis.

mente a impressão de continuidade, senão de serenidade, que transmite. É como se os Pano sempre tivessem sabido se acomodar a uma forma de alteridade poderosa, ao mesmo tempo útil e ameaçadora, atraente e desconcertante, de que os brancos representariam apenas o último avatar em termos cronológicos. De qualquer modo é notável que os Pano tenham preservado tanto sua língua quanto a maior parte de suas tradições, apesar de vários séculos de contato e apesar de estarem, em sua maioria, localizados num dos principais eixos de comunicação do oeste amazônico.

A política externa sempre constituiu, sem dúvida alguma, um domínio crítico na área pano, em que sempre se cultivou a arte de conviver com estrangeiros (especialmente pelo viés de um dualismo que concede um lugar de honra a uma metade “do exterior”). Mesmo grupos vivendo aparentemente em total isolamento como os Matis constantemente redefinem sua cultura em função do impacto da intrusão ocidental (ver Erikson, no prelo, a, b, c) e o mesmo acontece *a fortiori* com os habitantes do Ucayali, cujas planícies aluviais e recursos de pesca facilmente acessíveis suscitaram muita cobiça, e muitas invasões, ao longo dos séculos.

Diante de sua história e de sua pré-história extremamente movimentadas, só se pode, na verdade, admirar a constância com que os Pano souberam preservar sua coesão territorial e sua homogeneidade cultural.

## NOTAS

(1) A importância excepcional do sítio de Cumancaya explica-se por seu caráter lacustre (Cumancayacocha), e porque se tratava provavelmente de um centro político e comercial. Podemos contudo indagar se se trata realmente de um sítio único de proporções gigantescas, ou de vários, menores mas freqüentemente deslocados em função das cheias... Note-se, aliás, que embora os vestígios do estilo Cumancaya cubram um vasto território, o sítio de Cumancayacocha parece ser o único desta tradição que apresenta tal densidade populacional.

(2) Note-se que o império inca *stricto sensu* só se desenvolveu no século XV. O termo "inka" não pode, portanto, ter sido introduzido entre os proto-Conibo do século VIII a não ser que também fizesse parte do léxico dos proto-Quíchua do Equador, o que teria de ser comprovado. Isso posto, eventuais designações mais antigas dos andinos podem ter sido tardiamente substituídas por "inka".

(3) Segundo Myers (1990:22): "dadas as ligações entre os Andes e o Amazonas, a pandemia andina de gripe de 1558-9 foi provavelmente sentida no Amazonas".

De modo que embora sua expedição possa não ter sido diretamente responsável por nenhuma epidemia, Salinas foi provavelmente — e mesmo assim, por pouco — o único europeu que pôde observar as sociedades do Ucayali antes do impacto do choque microbiano.

(4) Os Shetebo ficariam em La Laguna até 1790 (mais tempo do que os jesuítas, expulsos em 1768!), misturando-se aos Cambeba (a ponto de adotarem seu estilo de cerâmica) e tornando-se rapidamente excelentes cristãos neófitos. Separados, assim, do resto de sua família lingüística, passarão a lutar regularmente contra os Shipibo, que acabarão, contudo, absorvendo-os totalmente no século XIX. Pode assim ser corrigida uma flagrante injustiça terminológica, a saber, que os Pano têm seu nome derivado de uma das frações shetebo (pano = "tatu"), ou seja, dos mais marginais de todos eles!

(5) Sobre a história específica dos Mayoruna, pode-se consultar Grohs (1974:57-60) e o capítulo 4 de Erikson (no prelo, a).

(6) Entre as outras coletâneas que constituem fontes importantes para a etno-história pano, mencionaremos Larrabure y Correa (1905-9), Maurtua (1906) e Fuentes (1861-4).

